

uma estadia no jardim

Ribeira João Gomes
Funchal, Madeira



O presente trabalho descreve o projecto de tese realizado entre Setembro de 2020 e Março de 2022 sob orientação do Professor Arquitecto Paulo David e pela Professora Doutora Daniela Arnaut no contexto do Mestrado Integrado em Arquitectura do Instituto Superior Técnico. A investigação incide sobre a Ribeira de João Gomes, concelho do Funchal, na ilha da Madeira e a intervenção desenvolve-se no festo Este do vale da ribeira de João Gomes, na extensão a sul do Jardim Botânico. Este documento destaca os momentos de maior relevância no desenvolvimento do projeto e organiza-se em cinco capítulos de aproximação ao lugar e ao significado do desenho.

Reconhecimento

Correspondendo ao primeiro momento de desenvolvimento do projecto, este capítulo refere-se ao reconhecimento do território e do lugar procurando significados e matéria para a construção da narrativa. É composto por um conjunto de elementos gráficos que compõem um discurso que justifica a importância do lugar e implantação da proposta, evidenciando valores relevantes na leitura realizada e no desenvolvimento da proposta.

Significado dos corpos

Este capítulo posiciona as opções arquitectónicas. É composto por elementos gráficos clarificadores da relação entre o lugar, a implantação, o programa e o desenho do espaço, anunciando a discussão da materialidade, correspondendo a plantas, cortes, alçados e outras leituras que auxiliam a interpretação dos espaços desenhados. Remete também ao tema transversal do desenho do *ar/estar 'entre'*, traduzindo a estruturação do vazio à escala da proposta.

Solidez

Refere-se à materialidade e construção da proposta. É constituído por desenhos parciais e detalhes verticais e horizontais que justificam e evidenciam as atmosferas e ambiências mais representativas da proposta, bem como a materialidade desejada.

Habitar

Elementos tridimensionais e gráficos que ilustram as atmosferas e materialidade e evidenciam a relação entre o lugar e o desenho do espaço.

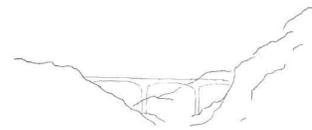
Sistema

Desenho síntese que demonstra a força da proposta e convoca as forças do lugar que a estruturam, bem como as linhas orientadoras do desenho do espaço habitado, e ainda a discussão da construção e materialidade.

Este documento traduz uma sequência de momentos processuais, paralelamente aos quais se desenvolve a investigação e fundamentação da investigação, através da introdução de analogias, pesquisas e outros elementos constituintes do processo que fundamentam as decisões tomadas. Transversalmente ao projeto, um tema satélite assiste o processo: o desenho do ar como recurso (in)visível, convocando a valência de “convocar uma nova respiração programática para o lugar” desde a análise à proposta. Um ensaio que compreenda e reinterprete a história do Funchal, reagindo como estruturação e reativação do lugar.

I
reconhecimento





“As ribeiras entendidas como canais ecológicos assumem um papel estruturante na matriz da cidade” (1). A relação com o mar e com as linhas de água que o Funchal estabeleceu desde o seu povoamento inicial, devido a transações marítimas e ao consumo da própria água das ribeiras, promoveu, até meados do século XX, zonas de passeio público, ladeadas de plátanos e de forte relação com a água. Esta relação foi sucumbindo ao longo do tempo pela ocupação sufocante dos vales, trocando o passeio e as linhas arbóreas por vias automóveis (2).

A ribeira de João Gomes, uma das três principais linhas de água do Funchal, integra uma bacia hidrográfica de cerca de cinco quilómetros de comprimento e constitui um corredor ecológico no seu vale e encostas (3). A sua localização concede-lhe um importante carácter articulador, estando intrinsecamente conectada com o centro urbano do Funchal através de um eixo viário estruturante que acompanha o percurso da ribeira e que constitui uma das principais portas da cidade. Apesar da sua presença histórica na cidade, o troço do vale da ribeira encontra-se marginalizado, provocando um efeito semelhante nas ocupações das suas encostas que crescem espontânea e desordenadamente, sob o risco de deslizamento e incêndios. O vale é ocupado por um tecido urbano maioritariamente habitacional, com algumas atividades industriais que se têm vindo a degradar com o fenómeno da desindustrialização. Restam, de outras épocas, alguns locais de exploração agrícola, conformados por terraços – os poios – suportados por muros de pedra basáltica. Na linha baixa do vale também se edificam muros, encerrando a ribeira em todo o seu comprimento com o objetivo de controlar os caudais a jusante (4). O vale é ele próprio formado por muros naturais – cortinas basálticas (5) – vertiginosas escarpas, alcançando os trezentos metros de altitude no lugar-investigação e continuando em elevação pelo interior da ilha. São lidas três linhas de entendimento da ribeira de João Gomes: a Linha da Ribeira, linha baixa que compreende a rede hidrográfica na cidade; Linha de Edificado, linha intermédia que corresponde à ocupação fabril; e Linha de Escarpa, linha alta materializada no cume das cortinas escarpadas que formam o vale.

O clima, a topografia e a hidrografia deste lugar são fortemente afetados pelo carácter insular da região. São as condições que mais impressionam: a forte presença da água que corre veloz no leito da ribeira e nas valas dos caminhos locais e que muitas vezes escorre pelas pedras da encosta em cascata; e a imensidão das escarpas, provocando uma sensação esmagadora e violenta. Um passeio ao longo da ribeira é uma tarefa ofegante, o declive é acentuado, o ar húmido e quente, o pavimento escorregadio e a precipitação quase inevitável.

A cabeceira da bacia hidrográfica da ribeira João Gomes pertence ao Parque Ecológico do Funchal, área verde protegida cuja floresta primitiva poderá contribuir na prevenção de cheias e incêndios. Pela predisposição natural de corredor verde deste vale, sente-se evidentemente, num corte abrupto na continuidade da estrutura ecológica, a ausência de áreas verdes, onde se esperaria que existisse um valor urbano de transição entre o tecido urbano compacto e Histórico, e a qualidade natural do Parque Ecológico do Funchal.

Não perceptível na linha baixa, nasce no festo Este deste vale, entre os 150 e 300 metros de altitude, o Jardim Botânico do Funchal, que vislumbra o comprimento da ribeira até ao Atlântico, beneficiando do seu carácter altaneiro, que conforme dita a história das quintas madeirenses cumpre o desígnio de espisar o mar que se perpetua no espírito insular.

Compreende-se uma nova leitura da ribeira, influenciada por perspetivas desenhadas por plantas exóticas e minadouros, orientadas para o vale, resultando numa forte relação visual com o lugar-investigação.

(1) In SILVA, João Gomes da RIBEIRA DE JOÃO GOMES. Gabinete da Cidade, 2017.
 (2) In DAVID, Paulo e ARNAUT, Daniela RIBEIRA | ENTRE DUAS ESCARPAS, UMA LINHA DE ÁGUA. Instituto Superior Técnico 2020/2021.
 (3) In SILVA, João Gomes da RIBEIRA DE JOÃO GOMES. Gabinete da Cidade, 2017.
 (4) Idem.
 (5) DAVID, Paulo.



Jardim Botânico da Madeira/ Estg. Rui Vieira

Local de intervenção

Mata Moura do Funchal

Jardim do Campo da Barica

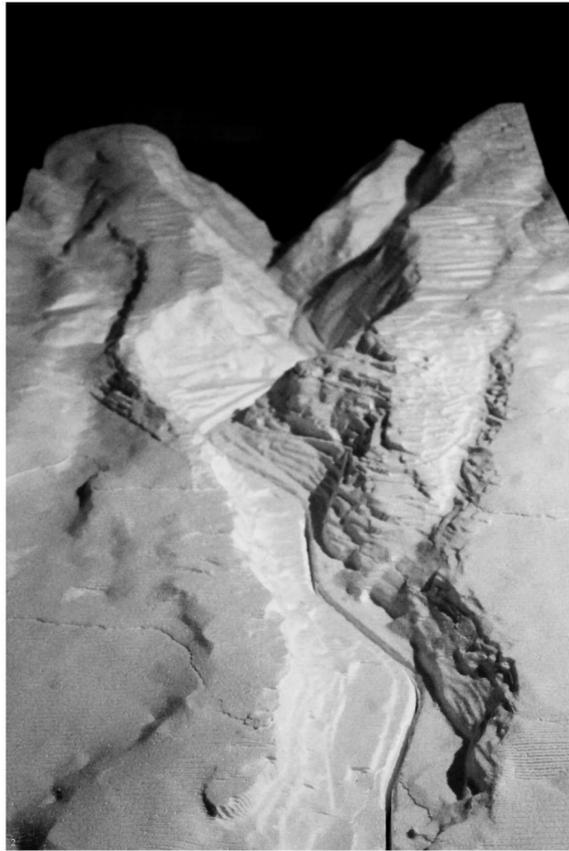
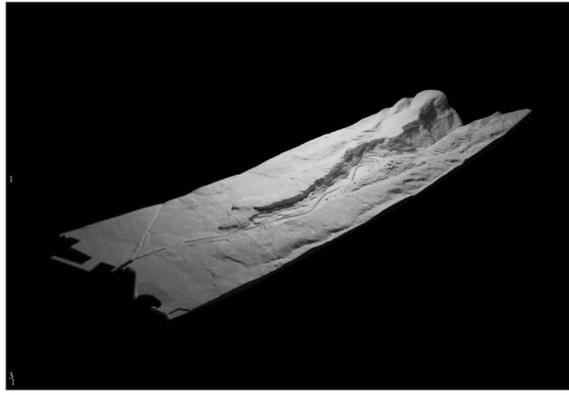
Mercado dos Larraduros

Praca da Autonomia

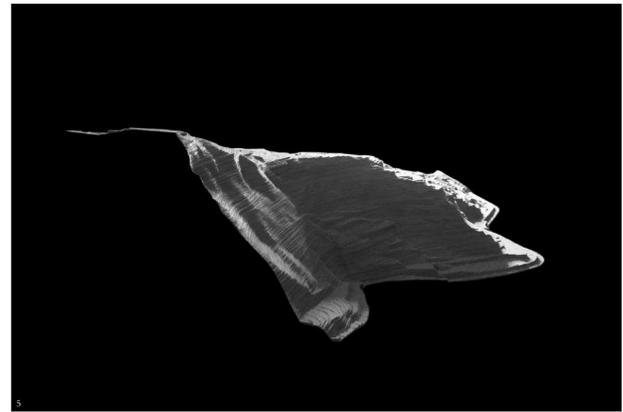
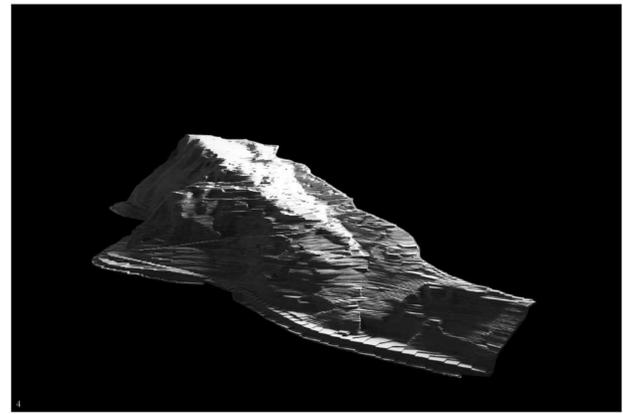
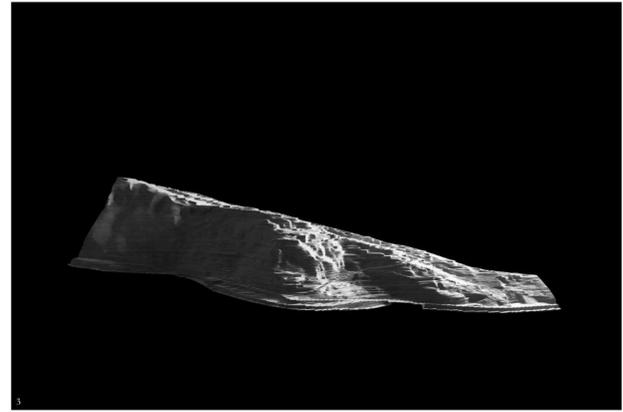
Ortofotomapa

A zona de intervenção localiza-se no festo Este do vale da Ribeira de João Gomes, na extensão a sul do Jardim Botânico da Madeira, área atualmente interdita e expectante de intervenção e reabilitação. Enquadra-se num pensamento estratégico a nível da Ribeira, mais especificamente da área destacada, emergindo da investigação empírica sobre os modos de a habitar, na sua relação com a natureza.



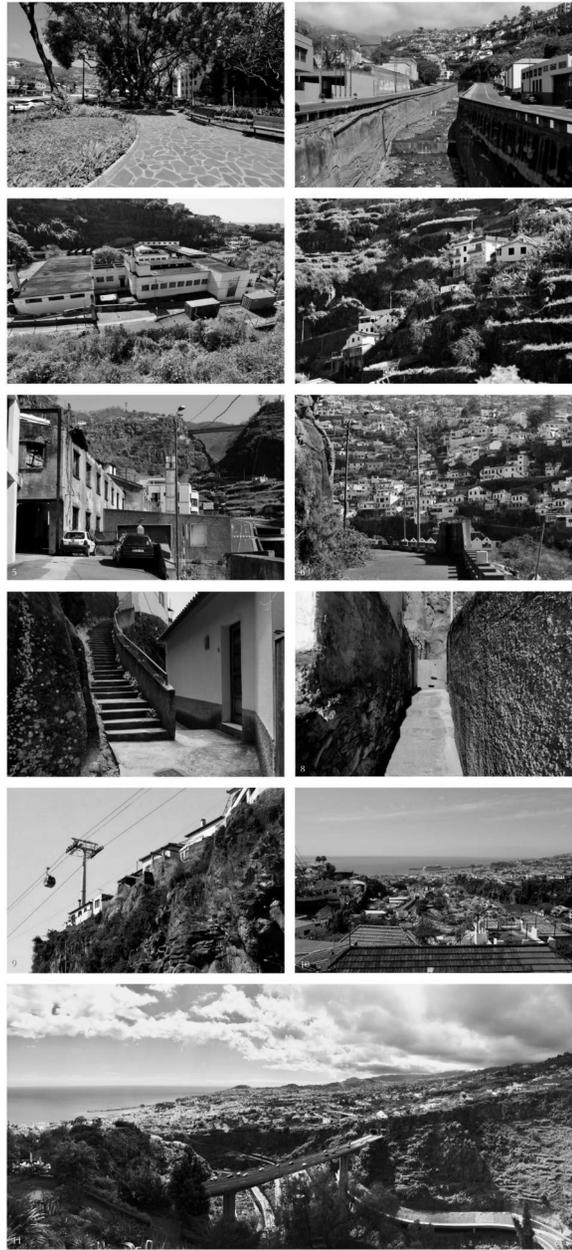


1 e 2 | Modelo do vale da Ribeira João Gomes

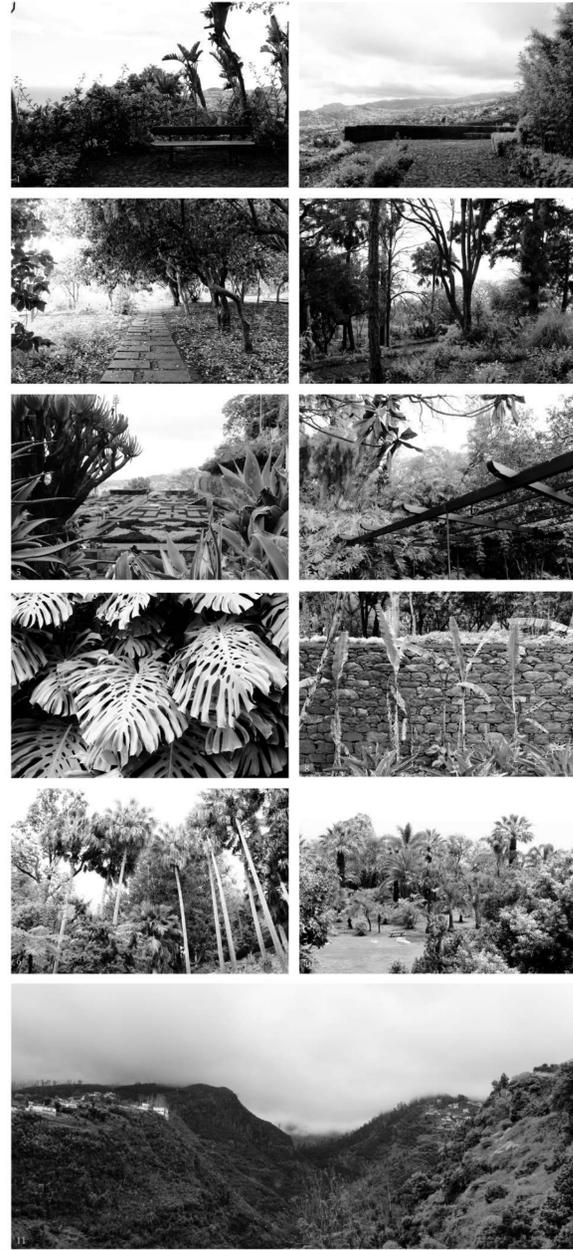


3, 4 e 5 | Modelo da encosta Este da Ribeira João Gomes

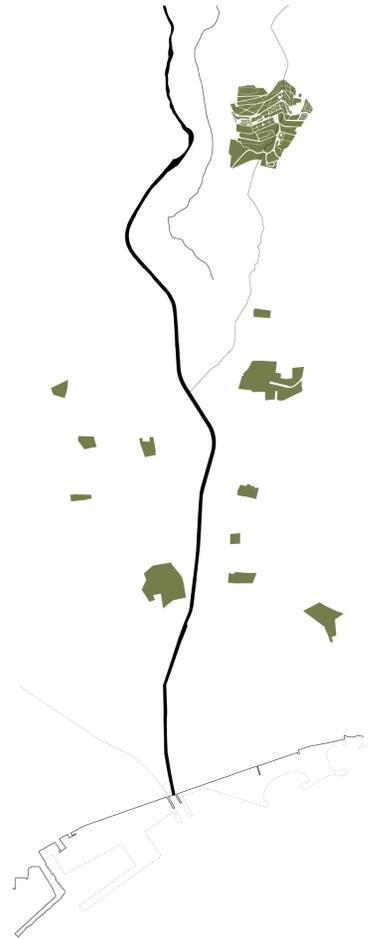




Ribeira
 1 | Jardim do Campo da Barca, Dourado Belo
 2 | Canal da ribeira, Dourado Belo
 3 | Largo Miradouro da Funchal, Dourado Belo
 4 | Construções na encosta, Dourado Belo
 5 | Construções à margem da ribeira, Dourado Belo
 6 | Vista da encosta da Ribeira, Dourado Belo
 7 e 8 | Caminhos pelas encostas, Dourado Belo
 9 | Ponto oeste da ribeira, Dourado Belo
 10 | Vista da encosta da Ribeira, Dourado Belo
 11 | Vista do vale

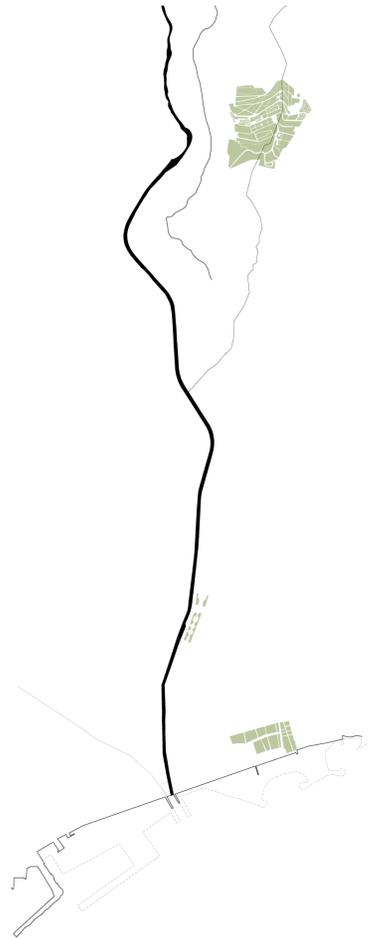


Jardim Botânico
 1 e 2 | Miradouro
 3 | Caminho no jardim
 4 | Arboreto
 5 | Jardim corografado
 6 | Pareda
 7 | Vegetação
 8 | Muro em pedra
 9 e 10 | Palmeiras
 11 | Vista do vale



Quintas

A posição geográfica atlântica e a orografia montanhosa conferem à ilha uma admirável amenidade climática, surgindo no antecastro do Funchal um singular conjunto de quintas implantadas nos festos da ribeira, característica que se traduz numa extraordinária diversidade botânica e numa vantagem perspéctica sobre a cidade. Enquadradas no contexto de paisagem e cidade insular, estas tipologias de elevado valor cultural contribuíram para a identidade turística insular, pela necessidade de acolher enfermos que se deslocavam em cura de ares durante o período do Turismo Terapêutico.



Jardins

A ilha, a par da sua história, ostenta diversos parques e jardins, com uma variedade de plantas exóticas oriundas de todo o mundo. A morfologia da paisagem funchalense sobe desde o nível do mar por um conjunto montanhoso que ultrapassa os 1800 metros, criando condições favoráveis a uma diversidade fitoclimática (6), característica que lhe confere a imagem de Cidade Jardim.

(6) QUINTAL, José Raimundo Gomes: ESTUDO FOTOGRÁFICO DOS JARDINS, PARQUES E QUINTAS DO CONCELHO DO FUNCHAL. Universidade de Lisboa, 2007



Áreas verdes

Podem ser lidos diferentes níveis de área verde ao longo da ribeira: a parte superior da sua bacia hidrográfica é afetada pela mancha florestal interior da ilha, que se estende pelo Vale; a Levada do Bom Sucesso, designada de Corredor Verde da Ribeira de João Gomes, constitui uma extensão desta mancha numa caminhada de descoberta pela natureza que proporciona também perspetivas da cidade e do mar, compreendendo-se como uma relíquia botânica de elevado valor ecológico; já a jusante da ribeira, num nível urbano, compreende-se um arquipélago de diversos espaços verdes, desde jardins públicos a parques.



Património geológico

O vale é formado por muros naturais, as cortinas basálticas, vertiginosas escarpas, de declive superior a 18% e inferior a 25% alcançando os trezentos metros de altitude no lugar-investigação e continuando em elevação pelo interior da ilha.



«A Madeira, mercê das suas condições climáticas, da ponte tropical que incide favoravelmente na sua flora, desenvolveu o jardim como forma de cura.» (7)

Observar

Intervir na paisagem funchalense passa por compreender o papel desempenhado pelos seus elementos naturais, contribuindo para o equilíbrio de todo o ecossistema urbano e natural. O sucessivo estrangulamento e ocupação impermeabilizante excessiva da linha de água foi representando um corte na continuidade arbórea e na relação dos habitantes com o monumento hídrico, principalmente no terço médio do vale, cuja circulação pedonal é dificultada.

Diagnóstico

A continuidade do corredor verde, a articulação e abertura de espaços verdes urbanos são aspetos a considerar na intervenção que se defende para este local. O Vale deve potenciar a transição da mancha florestal para a malha urbana histórica, protegendo e criando espaços verdes.

Objetivos

O enunciado alude a um objetivo geral de “convocar uma nova respiração programática para o lugar” (8), desafiando com tema do desenho do ar – “Entender o vazio como uma travessia de ar, uma atividade entre objetos, uma entidade de fluxo, vibrante, contínuo, percorrível, invisível, mas que concerta o espaço, um recurso do estar entre os objetos-edifícios” (9). A partir das impressões suscitadas, entende-se a necessidade de um pensamento a longo prazo, de implementação de uma lógica que ela própria contamine o lugar e o vá curando ao longo do tempo, sendo inicializado com intervenções urbanas cirúrgicas que se propagam em cadeia, unificando os conjuntos habitacionais e espaços públicos. Será na dualidade de espaço construído e espaço verde que se corporalizará esta cura e se originará a estratégia. Com um primeiro gesto de reativação de um espaço na sua relação com o coberto vegetal, se enunciará o processo de cura por contágio verde. A resposta passará por procurar o significado de habitar o espaço verde, atendendo às potencialidades turísticas da ilha.

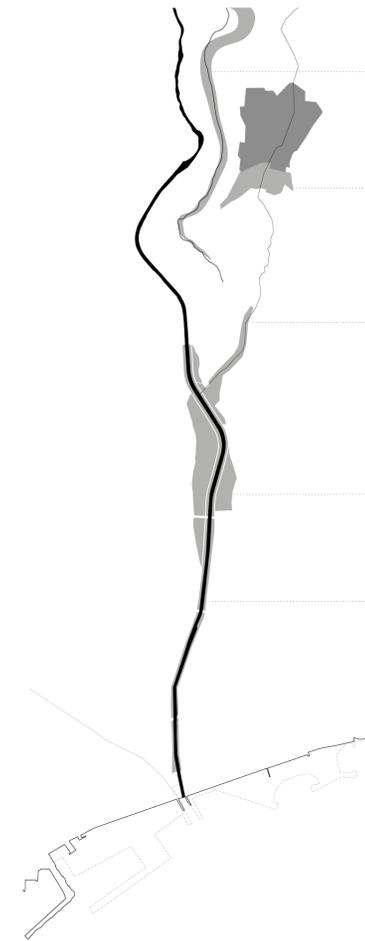
Proposta

A ideia de um hotel-jardim, dentro deste modelo de corredor verde, surge como um culminar do entendimento do lugar e da estratégia proposta. Parte do mote de habitar um jardim e serve como ensaio para outros programas que nasçam desta estrutura, ao longo da encosta e pelo vale a jusante. De modo a integrar as encostas e a ribeira no tecido urbano, o nascimento de parques urbanos nesta zona, costura os dois níveis de espaço verde, potenciando o habitar da linha, com fluxos pedonais e consequente articulação entre lugares. Nas linhas médias e altas do vale deve também dar-se esta continuidade sob um uso do solo orientado para a conservação do ecossistema, articulado com produção agrícola e Turismo de Natureza. O povoamento disperso da encosta poderá, assim, ser reativado, segundo este modelo de continuidade verde, através da introdução de espaços de apoio e sustento às funções de conservação, produção, lazer e turismo, numa intervenção de cura urbana.

O foco desta proposta é, portanto, a relação do verde com a arquitetura: como a contaminação verde pode curar um lugar e como se pode habitar um jardim.

Cura (por contágio verde) = espaço contruído + espaço verde

(7) BESSA-LUIZ, Agostina. A Corte do Norte. Lisboa: Galimatris Editores, 1987
(8) MANIFESTO ANO 2020/2021. Instituto Superior Técnico 2020/2021
(9) In DAVID, Paulo e ARNAUT, Daniela. RIBEIRA | ENTRE DUAS ESCARPAS, UMA LINHA DE ÁGUA. Instituto Superior Técnico 2020/2021.



Corredor Verde
De elevado interesse ecológico, este corredor verde é o primeiro agente no contágio verde: traz do interior da ilha o coberto vegetal para o vale.

Jardim Botânico e Hotel
Dada a importância de salvaguardar os espaços verdes existentes, num primeiro gesto interventivo desta cura por contágio verde, propõe-se a reativação de uma zona de jardim interdita, transformando-a num hotel-jardim, em que o alojamento seja feito em plena comunhão com a natureza.

Encosta da Rachinha
A libertação das zonas envolventes à linha de água e criação de novos espaços verdes de recreio e de apoio à população permitem a continuidade verde da cota superior da encosta à linha baixa da ribeira, convocando uma nova respiração para este lugar e revitalizando a sua paisagem urbana com forte potencial contemplativo.

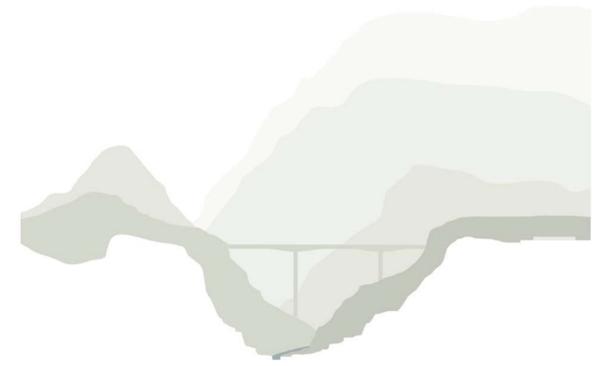
Parque verde
Um parque urbano no coração do vale que aumenta a permeabilidade das margens da ribeira e promove a transição do coberto verde para o tecido urbano.

Alameda Verde
A continuidade verde no tecido urbano é assegurada pelo afinilamento do coberto vegetal à escala da rua, pela transformação da ribeira numa alameda verde e recuperando a ideia de passeio público, sendo o contágio verde possível pela implantação de árvores nos planos marginais à ribeira.

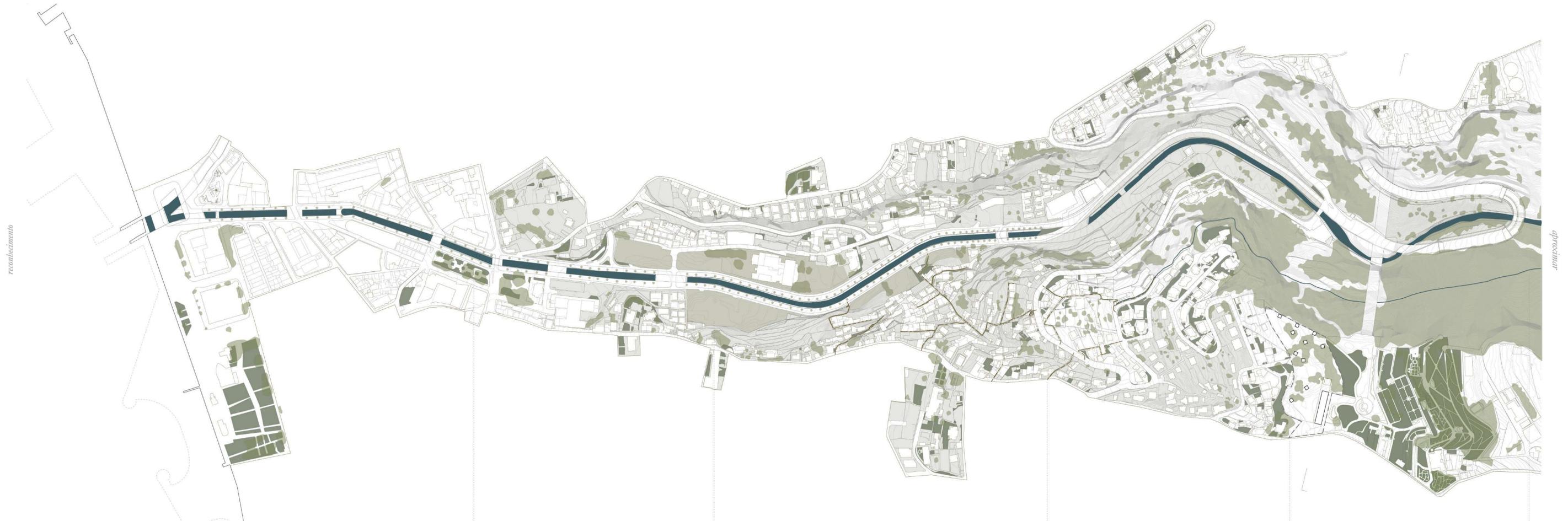
Estratégia Planta Síntese

O esquema representa os diferentes momentos de aproximação estratégica ao vale, entre os quais se encontra o foco da investigação da proposta - o Hotel - expressando a intenção de contágio verde da Ribeira.





Corte do vale pelo hotel/jardim



reconhecimento

aproximar

Alameda Verde

Um modelo de parque linear que se insere na malha da cidade, pela introdução de uma alameda de árvores de ambos os lados da ribeira, com diminuição de uma faixa de rodagem de ambos os lados e alargamento dos passeios, proporcionando uma maior relação dos habitantes com a ribeira, retomando o sentido de habitabilidade que historicamente a caracteriza e garantindo o acesso viário ao centro urbano.

Parque verde

A criação de um parque urbano no lombo central da ribeira de modo a substituir construções desadequadas que a sufocam por um amplo espaço verde, salvaguardando a presença de algumas construções existentes, nomeadamente habitações e o edifício de interesse municipal do antigo matadouro. Com a introdução de vegetação natural da ilha, oferece uma ocupação lúdica de jardim e promove a permeabilidade nas margens da ribeira.

Encosta da Rochinha

A requalificação da encosta passa pela substituição das construções devolutas, insalubres e em mau estado de conservação por infraestruturas e zonas verdes, como miradouros e jardins, bem como pela conservação dos pontos caracterizadores deste lugar.

Jardim Botânico e Hotel

O programa de alojamento proposto serve o propósito de reativar uma zona de jardim inutilizada, que funcione como abrigo para o viajante, permitindo dar continuidade à memória das quintas, de olhos postos na baía do Funchal, onde se viva a experiência de retiro na natureza levada pelo lazer, possível pelo potencial turístico da ilha e pela beleza inspirada da sua natureza.

Corredor Verde

A recuperação do trilho da levada do Bom Sucesso, associada à criação de miradouros, bem como a conservação e incorporação de vegetação autóctone, contribui para a estabilização de vertentes e coesão dos solos, nesta zona de elevado declive.



II
significado dos corpos





A ideia de jardim reflete os ideais humanos projetados na natureza transformando uma paisagem natural numa paisagem edificada, ainda que construída com elementos naturais, e constitui uma realidade frágil que lida com a efemeridade e ciclicidade das plantas e com a temporalidade bem vinculada, contrastando com o caráter estático das obras construídas.

Historicamente, os jardins representam um modo de expressão do espírito, com o objetivo de vincular uma relação divina, evoluindo posteriormente para experiências mais cinestésicas e sensoriais do espaço, como refere Luis Barragán “o jardim é, a presença da natureza, mas da natureza reduzida a proporções humanas e posta ao serviço do homem. É o mais eficaz refúgio contra a agressividade do mundo contemporâneo” (10). A paisagem e o jardim só existem através do intelecto, dependem da construção e da leitura humana que lhe dá significado, possibilitando a interpretação individual.

O jardim informa a construção de cidades, edifícios e paisagens, servindo à arquitetura como metáfora e análogo da fertilidade, beleza, pureza e consciência ambiental, repletos de expressividade e simbolismo.

Jardim e quinta madeirense

Os jardins madeirenses constituem locais de contemplação (deles próprios e, muitas vezes, da cidade), por norma associados a antigas quintas, que serviam de estâncias terapêuticas para burgueses. Teciam ainda uma relação com a cidade, num reflexo social histórico designado de “período do turismo terapêutico”, transformando-a numa “cidade de quintas”. Estas tipologias marcam a paisagem a várias altitudes, beneficiando dos diferentes graus de humidade e temperatura das encostas, favoráveis ao combate a doenças pulmonares, florescendo numa topografia de cura. Nas quintas de aluguer é possível constatar espaços de mediação entre o interior e o exterior, destacando-se os alpendres, varandas e terraços, que formavam, em conjunto com o jardim, locais de estadia cobertos e amenos. Outras tipologias relativas ao exercício da cura de ares, como as “casinhas-de-prazer” ou “de fresco”, que para além dos fins terapêuticos também permitiam o desfrute da paisagem, devem a sua natureza a uma dimensão contemplativa e melancólica do seu olhar e ao seu distanciamento citadino, suscitando um significado de jardim num sentido romântico, ornamental e curativo, remetendo ao conceito de “jardim inglês”. Refletem, assim, o ideal burguês da natureza domesticada, constituindo-se como o enquadramento ideal para o florescimento da vida privada, reunindo as funções de proteção da intimidade, de espaço de lazer e encontro, e ainda de instrumento de cura (11). Os motivos de contemplação que orientavam as quintas eram o oceano – panorama longínquo – mas também o jardim – quadro contíguo – assim, os jardins, adaptados ao território acidentado, abrem-se às perspetivas dramáticas dos cumes montanhosos ao horizonte marítimo.

Jardim Botânico da Madeira

O jardim botânico foi fundado em 1960 na antiga Quinta do Bom Sucesso, criada em 1881 por William Reid, cuja família se instalou na Madeira em meados do século XIX para se dedicar à hotelaria. Encontra-se a 3 quilómetros do centro do Funchal, numa encosta com cerca de 150 metros de desnível e organiza-se em patamares sustentados por muros. A coleção botânica ultrapassa dois milhares de espécies oriundas de diversas regiões do globo, incluindo as espécies endémicas da Madeira, o arboreto, as plantas suculentas, os jardins coreografados, as plantas agroindustriais, as plantas aromáticas e medicinais, as palmeiras e Ciadáceas. Além de ser um sublime local de lazer, cor e fragrância, serve também a ciência e a cultura, albergando atualmente o Museu de História Natural, o Herbário e ainda o Laboratório de Investigação em Biodiversidade e Conservação Macaronésica. É um dos jardins mais visitados da Madeira e a sua localização proporciona panorâmicas memoráveis sobre o Funchal, o mar e partes da ilha.

A paredes meias com o jardim, na sua extensão a sul, encontra-se o antigo Parque do Loiro, local outrora visitável, onde eram abrigadas espécies de aves exóticas. É nesta área, expectante de intervenção há vários anos, que se propõe a reatuação pela introdução de um programa de jardim habitado.

(10) MENDES, Rui, João Fowell Meneses, e Fernando Amado, eds. *Arlier Bugis*. 1a ed. Lisboa: A + A Books, 2010, pg. 124
 (11) MAYUS, Rui. *A Arquitetura do Turismo Terapêutico*. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2016.





"(...) a arquitetura popular será, por assim dizer, um conjunto de alojamentos e de ações num determinado meio geográfico onde o abrigo da família – casa rural – por vezes se estende a um conjunto de espaços e atividades interligados, resultando num conjunto de edifícios que em muitos casos, apesar de independentes formam um todo." (12)

Estabelecidos os princípios estratégicos orientadores que sustentam a programática proposta, sucede-se a sua formulação concreta, começando-se por questionar o programa da estadia, mais concretamente, do habitar um jardim.

Uma peculiaridade de um hotel é a sua complexidade resultante da diversidade do seu programa, que decorre do conjunto de atividades complementares derivadas das suas dependências. Essencialmente, à função de hospedagem, que pressupõe espaços confortáveis devidamente dimensionados e equipados, somam-se atividades administrativas e de produção, como preparação de alimentos, e outras áreas técnicas, bem como atividades de recreação ou lazer. No que se refere ao alojar, consideram-se os espaços para dormir e fazer a higiene pessoal, enquanto os serviços suportam o funcionamento do hotel e atendimento ao hóspede, proporcionando uma estadia agradável. Além da satisfação das necessidades basilares, procura-se aliar o conforto à possibilidade de realizar uma experiência singular, que reinterprete o conceito de estadia, convidando à atitude metafórica quando espaço e sujeito se fundem através do uso.

A escolha do programa que se pretende implantar tem de responder à questão do contexto em que se enquadra e para quem se destina, propondo-se uma estadia para o caminhante, entre o cenário infinito do Atlântico e as majestosas montanhas envoltas em finas névoas.

Princípios gerais

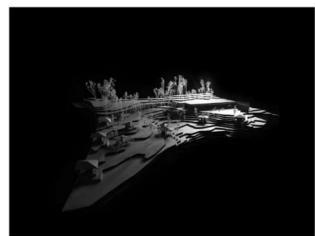
A aproximação arquitetónica parte de um desmontar do programa complexo de hotel, e posteriormente da implantação das peças na topografia, passando por um entendimento do programa e do contexto, respondendo além dos elementos que compõem a construção. Tendo em consideração os objetivos pretendidos, o programa pode ser categorizado em dois tipos – o espaço individual (quarto) e o espaço coletivo (composto pela receção, sala de estar, zona de refeição, entre outros). Seguindo a lógica de sublimação da experiência pessoal e de relação íntima com o jardim, os quartos são implantados individualmente, enquanto um único corpo alberga os espaços de partilha e coletividade, formando no seu todo um organismo composto por partes.

A entrada é feita a norte, no edifício principal, que acolhe e distribui o hóspede pelos espaços coletivos e para o jardim, sendo, por isso, implantado perto da via pública, facilitando a chegada e comunicação com o exterior.

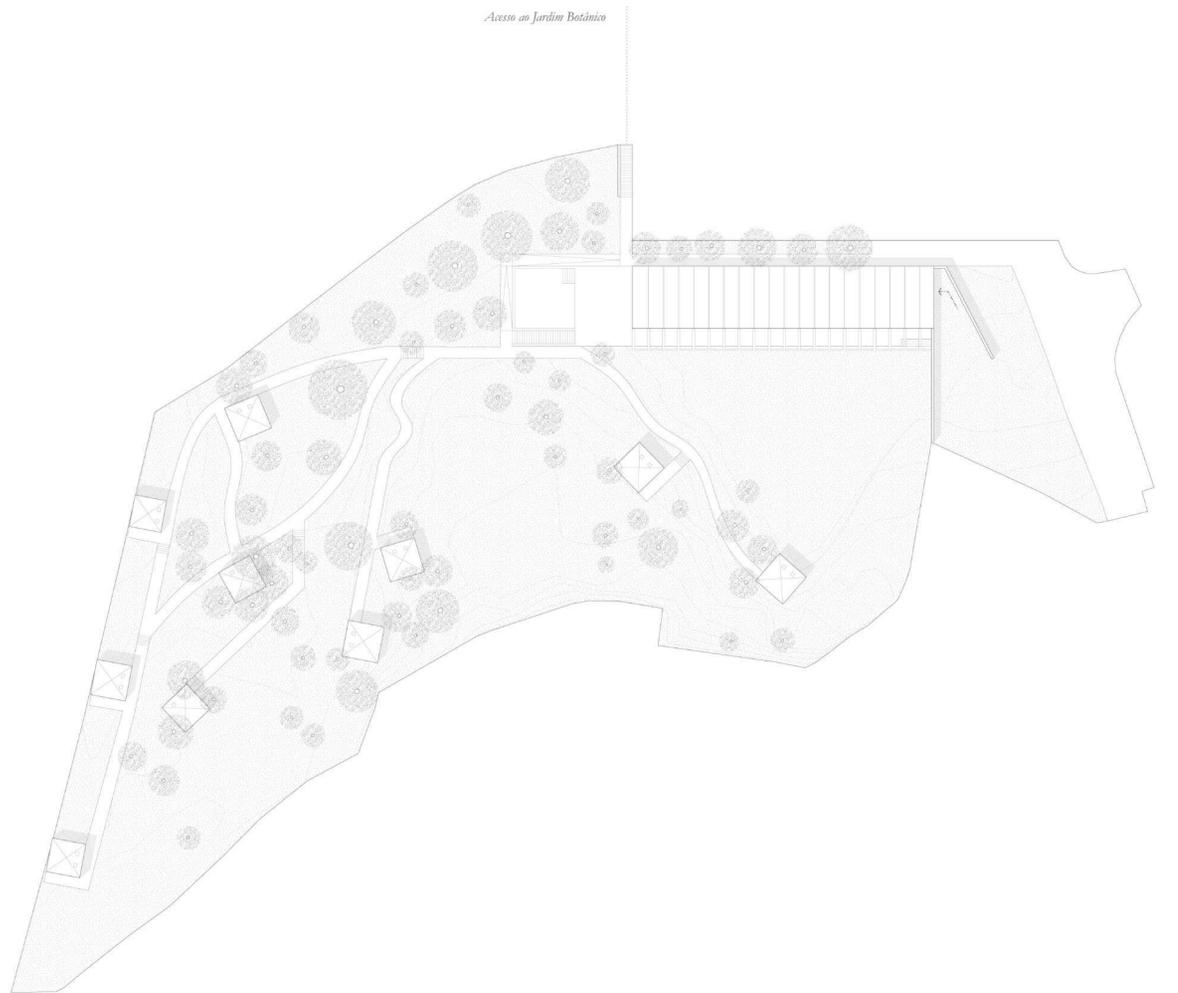
Estadia

O espaço construído para habitar incute a hierarquia das suas funções e suas variações. A casa para quem viaja levanta uma série de questões relacionadas com necessidade da existência dessas funções, procurando-se entender o significado dos espaços de abrigo. Idealiza-se o quarto como um simples abrigo para dormir protegido dos elementos naturais, surgindo nesta lógica uma potencial forma de habitar o jardim, segundo um princípio de prazer e refúgio individual, sendo a hospitalidade concretizada numa "casinha-de-prazer" pessoal.

Entende-se como hotel o conjunto arquitetónico concebido para o alojamento temporário de visitantes, sendo o termo aqui usado como definição programática. Muitas vezes, quando se refere a hotel, a imagem que surge na memória é a de um edifício de grandes dimensões, cuja função é ser abrigo para quando se está longe de casa. No entanto, analisando várias definições de tipos de hotel, o conceito aproxima-se para maior simplicidade, il que se tornem numa estrutura dinâmica. Numa rápida análise, podem-se encontrar duas linhas de definição de hotel: enquanto empreendimento em si e quanto à sua localização, que, na perspetiva desta proposta, o programa se aproxima ao lazer turístico, numa escala individual.



(12) MESTRE, Victor. *Arquitetura Popular da Madeira*. Lisboa, Arguementum, 2002



Hotel Jardim

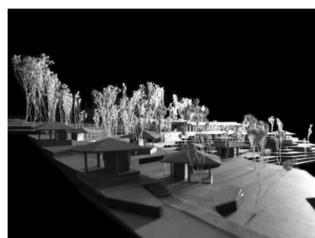
A planta geral do hotel revela a disposição dos elementos constituintes do conjunto arquitetónico, manifestando a intenção de inter-relação com o seu jardim.

→ Entrada





significado das corpos



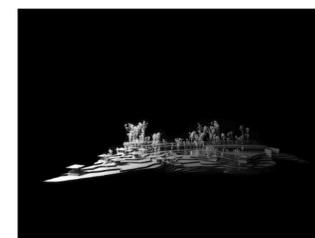
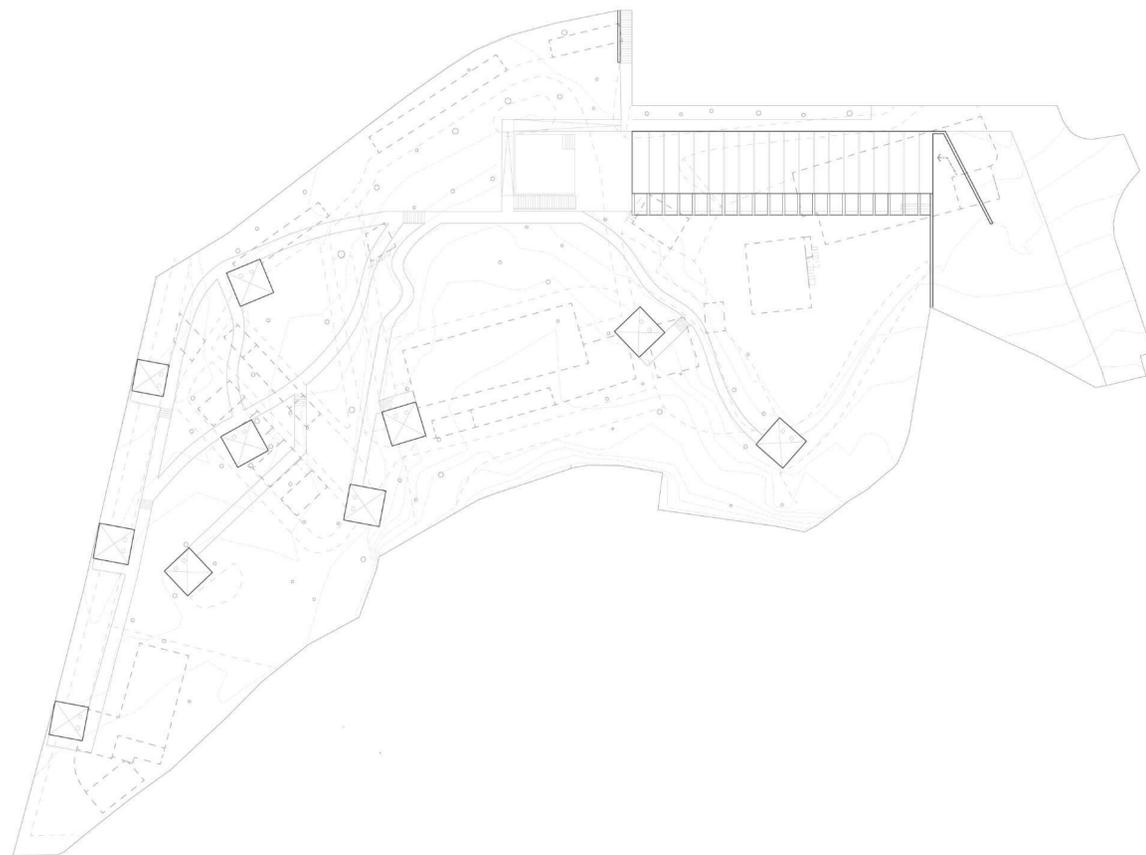
Implantação

A memória das quintas baseia-se na premissa de que o lugar crie recordações fortes pelos efeitos sentidos no seu habitar e, neste caso, a vivência com o jardim é enaltecida, percorrida e refletida na implantação dos abrigos.

---> Entrada



reconfigurar



Proposta sobre o existente

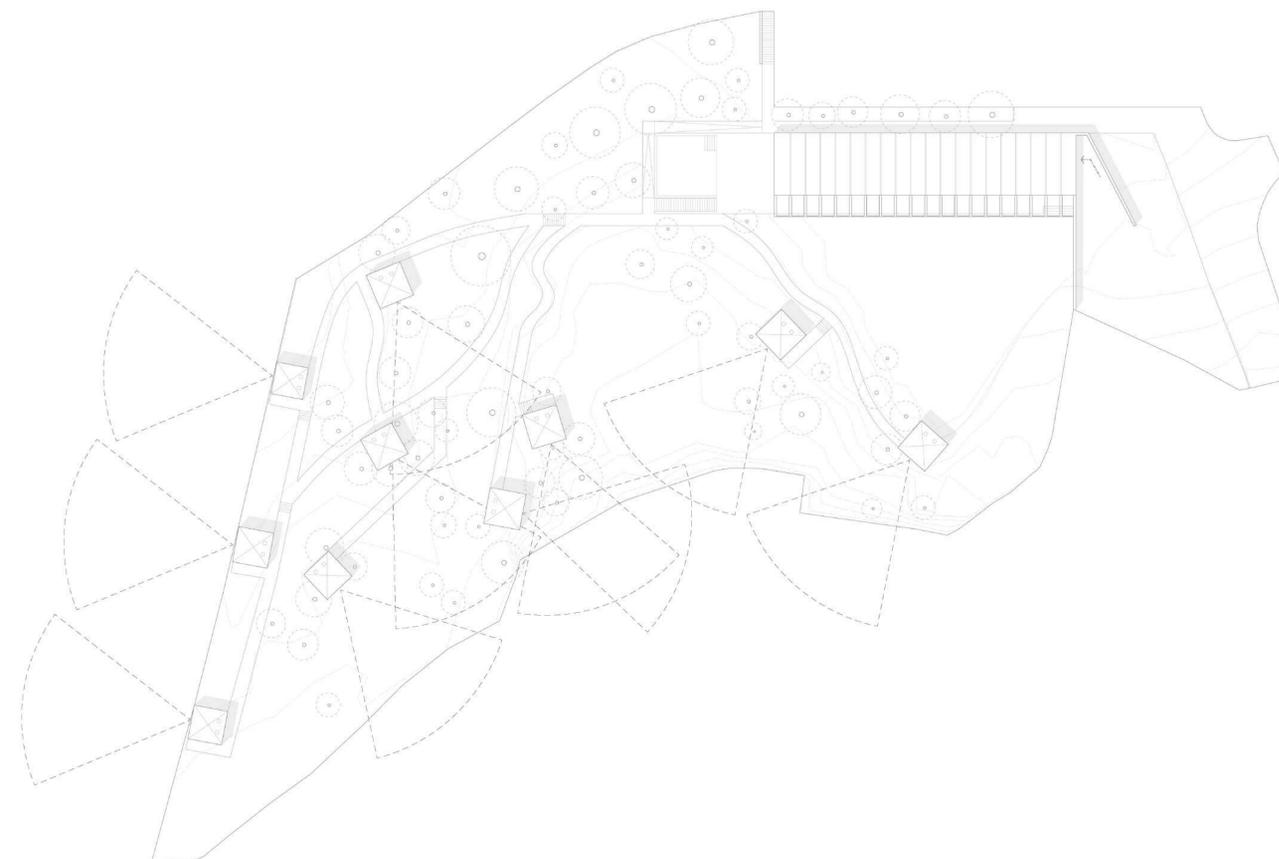
As construções pré-existentes correspondem a edifícios descaracterizados e a antigos elementos expositivos de aves exóticas, propondo-se a sua transferência para uma área adequada de conservação destas espécies. A proposta visa integrar um novo percurso nesta área e promover espaços ajardinados, conformando-se de modo a respeitar a presença das árvores no local.

---> Entrada
— Elements a construir
- - - - - Elementos a demolir

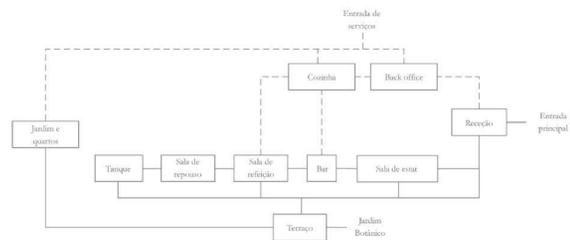




significado dos corpos



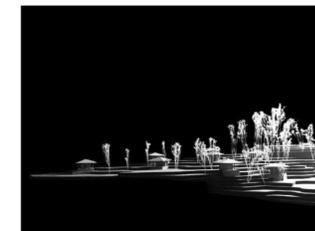
reconfigurar



Percurso

A circulação do hóspede inicia-se com a sua chegada na recepção, podendo percorrer os diversos espaços comuns do hotel até chegar ao jardim, ou, a qualquer momento do percurso, passar para o exterior, atravessando o terraço, que permite a ligação ao Jardim Botânico e ao jardim do hotel. No jardim, os caminhos encontram os quartos, realizando-se um percurso de descoberta entre as espécies arbóreas. De todos os percursos idealizados, foi considerado um caminho de acesso facilitado para hóspedes de mobilidade reduzida. A circulação de funcionários é, em parte, distinta da dos hóspedes, realizando-se a entrada no tardo do edifício, cruzando-se apenas com o percurso dos hóspedes no acesso aos quartos.

----- Circulação de funcionários
 ————— Circulação de hóspedes



Esquema de vistas

À semelhança das quintas madeirenses, construídas num perímetro de vigia, a implantação segue a lógica do exercício da contemplação, o desejo de ver o mar, ver o horizonte, característica do insular herdada desde os tempos dos ataques corsários e que confere configurações formais verticais por todo o l'unchal. No jardim, os quartos 'nascem' de forma quase natural entre as plantas, respeitando as espécies arbóreas preexistentes. Aplica-se uma lógica que não acidento o coberto vegetal, baseada em eixos que conciliam o valor arbóreo e as linhas de vista, de modo a beneficiar a relação pessoal com a paisagem e simultaneamente preservar a privacidade.

→→→ Entrada
 △ Orientação da perspetiva



O potencial conceitual e perspetivo da arquitetura e paisagem: tensão interior-exterior e experiência material

A procura teórica de base ao conceito de alojamento pretendido, com o objetivo de promover a experiência individual (enunciadas na exploração do programa), proporcionadas pelo desenho do espaço e dos ambientes ambientados, relacionou-se com a relação primordial com o jardim, traduzindo-se num questionar do conceito de limite que o separe (ou aproxime).

Contrariamente aos princípios tradicionais de espaço interno-externo, baseados num nível visual, a visão contemporânea estabelece um novo e ambíguo entendimento da (des)materialização do limite entre arquitetura e paisagem. Segundo Maurice Merleau-Ponty e Juhani Pallasmaa, pode dizer-se que a relação ambivalente do indivíduo com a paisagem através da arquitetura depende do conceito da fenomenologia, logo, a experiência arquitetónica é motivada pela materialização tátil ou fenomenológica. “Vivemos em mundos da mente, nos quais o material e o mental, bem como o experienciado, o lembrado e o imaginado, se fundem completamente” (13). Uma metodologia arquitetónica que ambiciona criar vivências sensoriais – ou atmosferas –, e que é também direcionada num pensamento ecológico e paisagístico, entende a paisagem como um conjunto conceitual onde a arquitetura traça experiências corporalizadas. Considerando as observações numa realidade ambivalente, a perceção espacial fenomenológica e os modelos de materialidade convocam uma arquitetura que responda na relação análoga à manifestação ascética nos campos da experiência emocional e do racionalismo.

Em termos materiais, a arquitetura do vidro traz o mistério do interior à superfície: a possibilidade de conseguir ver/ser visto questiona a ideia de privacidade e o próprio conceito de abrigo.

Casa-atelier, 1948, Luís Barragán (1902-1988)

Na sua casa, Barragán desenha uma janela na sala de estar que oferece e contamina a habitação com o vislumbre do jardim, proporcionando uma luz filtrada pelas árvores. “A situação espacial preferida combina uma sensação de proteção do ambiente imediato (abrigo) com uma visão ampla do ambiente que fornece uma sensação de controle (prospecção)” (16). Estabelecendo apenas uma comunicação visual, este vão permite percecionar a dualidade do sentido de proteção do interior e da contemplação exterior, mistificando a imagem háptica. A experiência é ainda marcada com um sistema de cortinas duplo, intensificando a relação do limite.

O misterioso efeito de segregação dos exteriores do interior de Barragán criam uma sensação de pertença e celebração da natureza dentro do espaço, num jogo subtil de privacidade e visibilidade, com a intenção de criar ambientes meditativos, onde as formas se integram à paisagem.

Hotel Porto Santo, 1963, Eduardo Anahory (1917-1985)

“Estar dentro, estar fora. Fantástico. Isso significa – algo também fantástico – (...) espaços imperceptíveis de transição entre o interior e o exterior, uma sensação inefável do lugar, um sentimento indizível que estimula a concentração ao nos sentirmos subitamente envolvidos, reunidos e amparados pelo espaço” (17).

A arquitetura de Eduardo Anahory assenta na continuidade espacial e na relação das atmosferas construídas a partir da materialidade, num caminho “regionalista e tecnológico adaptados a um racionalismo epígono do International Style” (18). Um percurso vincado por um caráter experimental culmina no projeto do Hotel Porto Santo e num domínio de técnicas construtivas dotadas de abstração, condensação formal e adaptabilidade sem virtuosismo, com ênfase na economia de meios. Enquadrando-a no seu contexto histórico português, em que a arquitetura atravessava mudanças geracionais relativas às aproximações modernas (19), esta obra reflete alguns dos conceitos que então se ensaiavam, aliando princípios racionalistas à sensibilidade no entendimento do lugar e da relação interior-exterior, e apurando a expressão material funcional e empática. Neste sentido, Anahory cria um sistema de sombreamento na fachada envidraçada a sul, que consiste em painéis basculantes de vime – técnica madeirense de trabalho manual – formando brise-soleil orientáveis por um simples sistema de cabos e roldanas de barco. Quando aberto, esta solução prolonga o espaço interior para o terraço, compondo um espaço de transição desenhado pela sombra.

Estalagem Quinta da Casa Branca, 1998, João Faria Meneses (1966-)

Um exemplo no Funchal, a construção de um alojamento numa antiga quinta em que o conceito da intervenção era “construir num jardim e enraizar um hotel” (20). Os quartos são voltados a sul e abrem-se para o jardim em terraços delimitados por telas de vegetação. Neste caso, o espaço criado constitui uma transição do espaço privado de abrigo para o exterior ajardinado. A receção, com o objetivo de integração no ambiente natural mas também de aproveitar a vista para o mar, é desenhada assumindo o vidro como limite, surgindo suavemente no local.

A aproximação japonesa nesta temática manifesta-se no conceito de *Chira* que se traduz simultaneamente numa experiência espacial mental expressa na criação de *layers* que enquadram a sensação de profundidade (14) (física e psicológica). Por outras palavras, o conceito específico de *Chira* de configuração espacial que implica um distanciamento relativo a (ou mesmo dentro de) um certo espaço, e no caso de um edifício este princípio procura aproximar o que está distante, de modo que o interior e exterior se unissem. Muitas vezes associado ao conceito de *Ma*, que corresponde à noção de espaço negativo, o pensamento asiático atribui igual importância ao espaço vazio.

“Privacy is no longer established by a line but by a filtering within the most public space, and we can feel just a subtle veil that lets this line merge to create us a kind of space, a new kind of interior (...)”
(15)

(13) “We live in worlds of the mind, in which the material and the mental, as well as the experienced, remembered and imagined, completely fuse into each other.” PALLASMA, J., 2009, p.127.
(14) DAN, Li. The Concept of “Chira” in Japanese and Chinese traditional paintings, gardens and architecture: a comparative study, Fukuoka: Kyushu University, 2020.
(15) COLOMINA, Beatriz. X-RAY ARCHITECTURE. Zurich: Lars Muller Publishers, 2019.
(16) “La situación espacial preferida combina una sensación de protección del entorno inmediato (refugio) con una amplia visión del entorno que proporciona la sensación de control (prospección)” PALLASMA, J., 2014, p.50.
(17) ZUMTHOR, Peter. Atmosferas. Barcelona: Gustavo Gili, 2019.
(18) TABORDA, Pedro. REPENSAR DA CASA-ABRIGO EDUARDO ANAHORY. ARQUITECTURA, 1960. www.infoarquitectura.blogspot.com, 9 novembro 2007.
(19) COSTÕES, Ana. Arquitectura Moderna Portuguesa 1930-1970. Lisboa: IPPAR, 2004.
(20) Meneses, 2018.

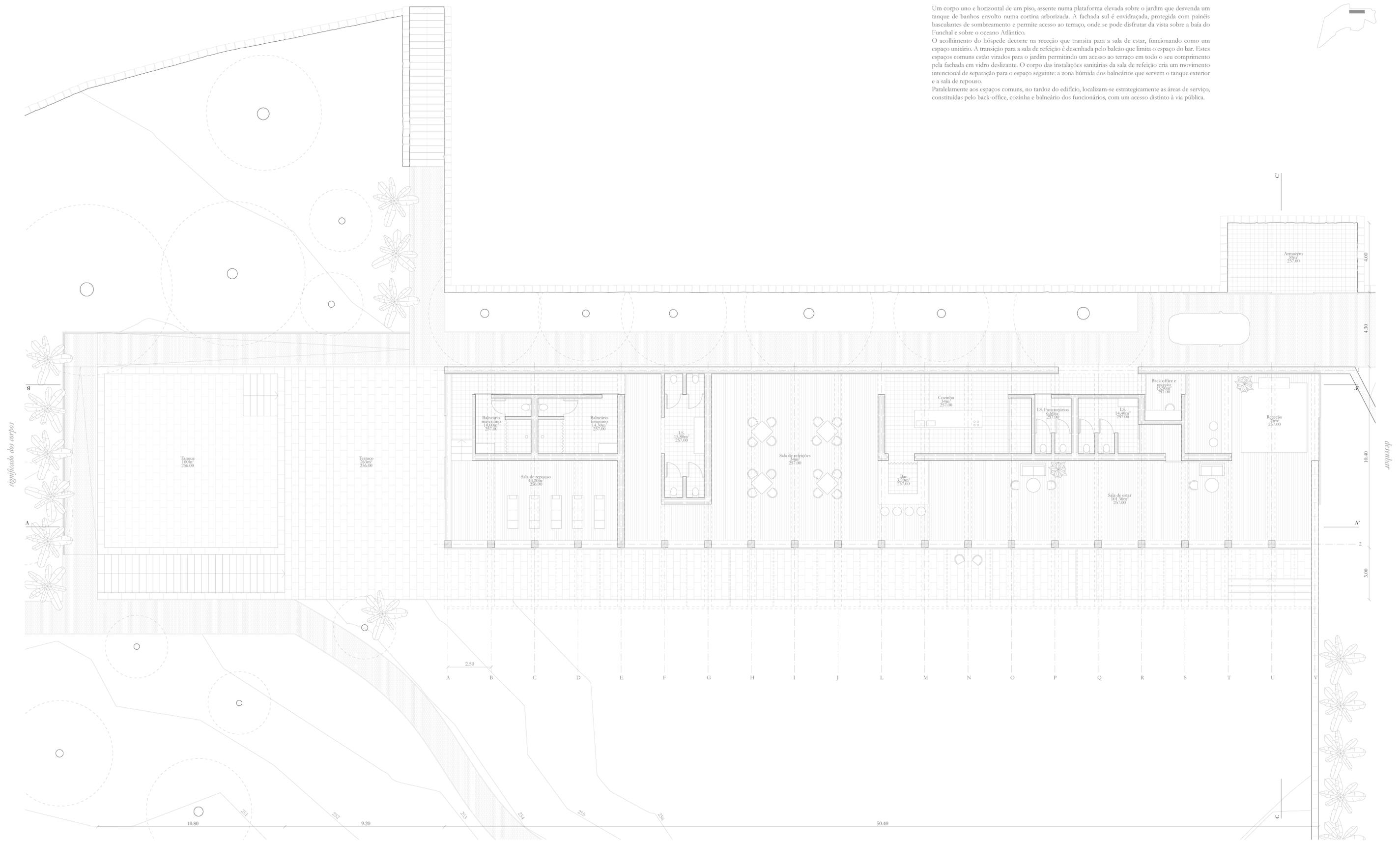


1 | Casa-atelier Luis Barragán, Archibaly
2 | Hotel Porto Santo, Infobalistas
3 | Estalagem Quinta da Casa Branca

Um corpo uno e horizontal de um piso, assente numa plataforma elevada sobre o jardim que desvenda um tanque de banhos envolto numa cortina arborizada. A fachada sul é envidraçada, protegida com painéis basculantes de sombreamento e permite acesso ao terraço, onde se pode disfrutar da vista sobre a baía do Funchal e sobre o oceano Atlântico.

O acolhimento do hóspede decorre na receção que transita para a sala de estar, funcionando como um espaço unitário. A transição para a sala de refeição é desenhada pelo balcão que limita o espaço do bar. Estes espaços comuns estão virados para o jardim permitindo um acesso ao terraço em todo o seu comprimento pela fachada em vidro deslizante. O corpo das instalações sanitárias da sala de refeição cria um movimento intencional de separação para o espaço seguinte: a zona húmida dos balneários que servem o tanque exterior e a sala de repouso.

Paralelamente aos espaços comuns, no tardo do edifício, localizam-se estrategicamente as áreas de serviço, constituídas pelo back-office, cozinha e balneário dos funcionários, com um acesso distinto à via pública.



Planta do edifício principal 1:100, piso térreo (ota 257.00)



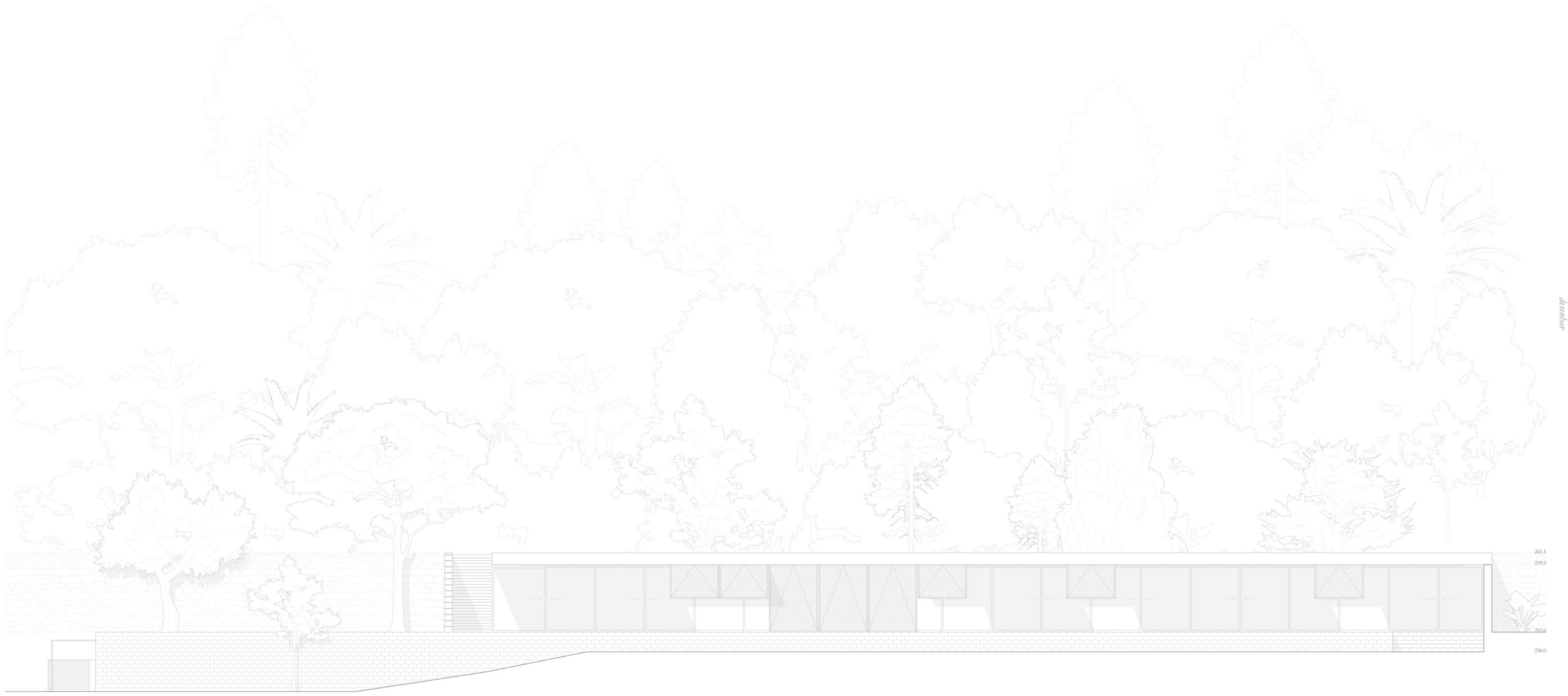
significado das cores

desenho



significado dos corpos

desenho



261.1
259.3
257.0
256.0

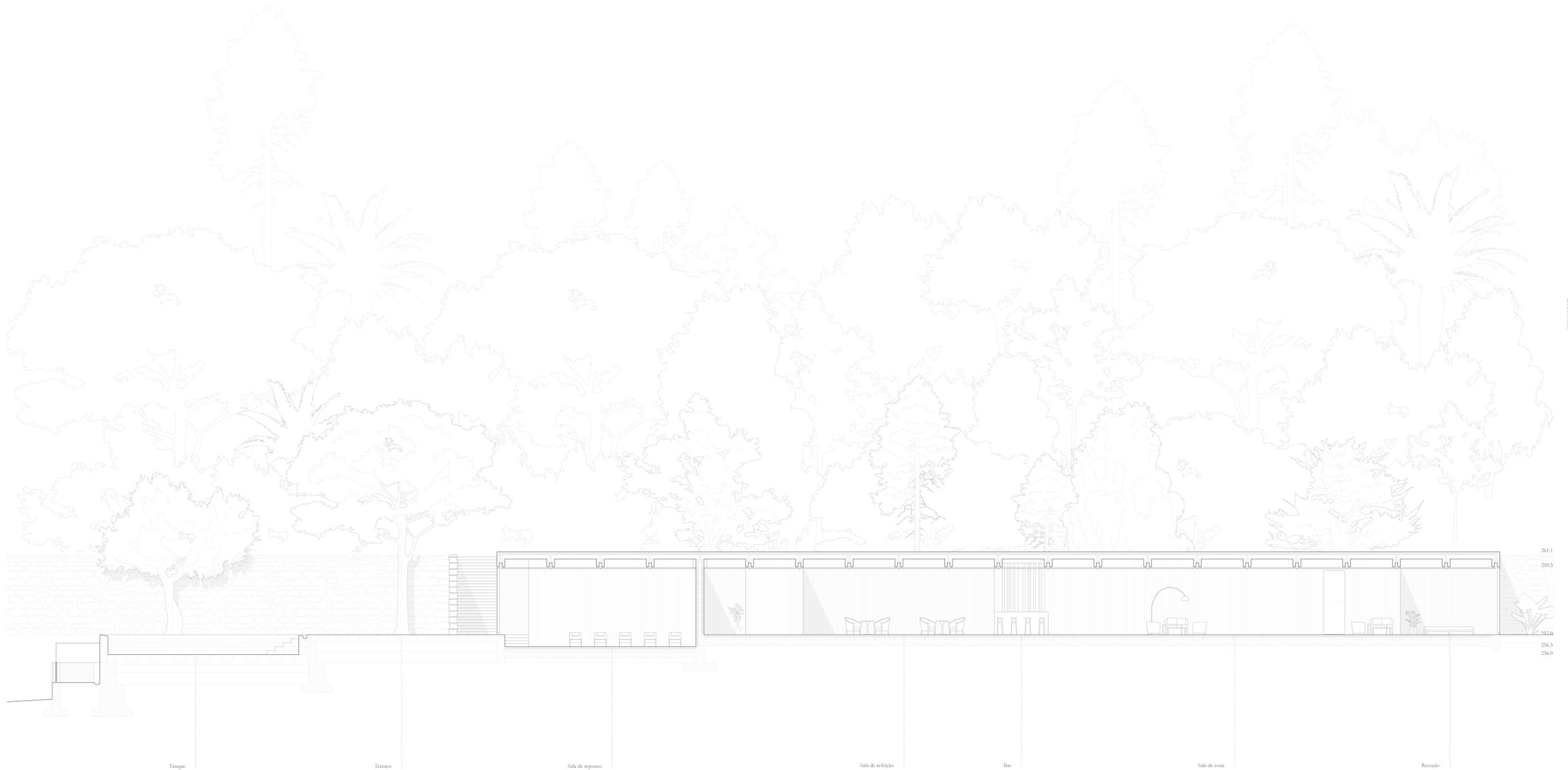
Alçado do edifício principal 1:100





significado dos corpos

desenho



Corte A, espaços comuns 1:100





significado dos corpos

desenho





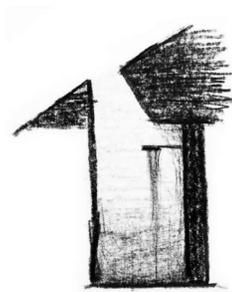
significado dos corpos

desobstar



Corte C, elevação 1:100





Na procura dos conceitos de habitar um jardim, dentro do funcionalismo de um abrigo, mas numa visão (quase) idílica de que essa experiência seja vivida no jardim, e, por influência de tipologias típicas madeirenses, como é o caso das pérgulas observadas um pouco por toda a ilha e no próprio jardim botânico, surge a vontade de que a arquitetura ofereça uma ambiguidade de espaços interior-exterior, i.e., que traga o jardim 'para dentro do quarto'.

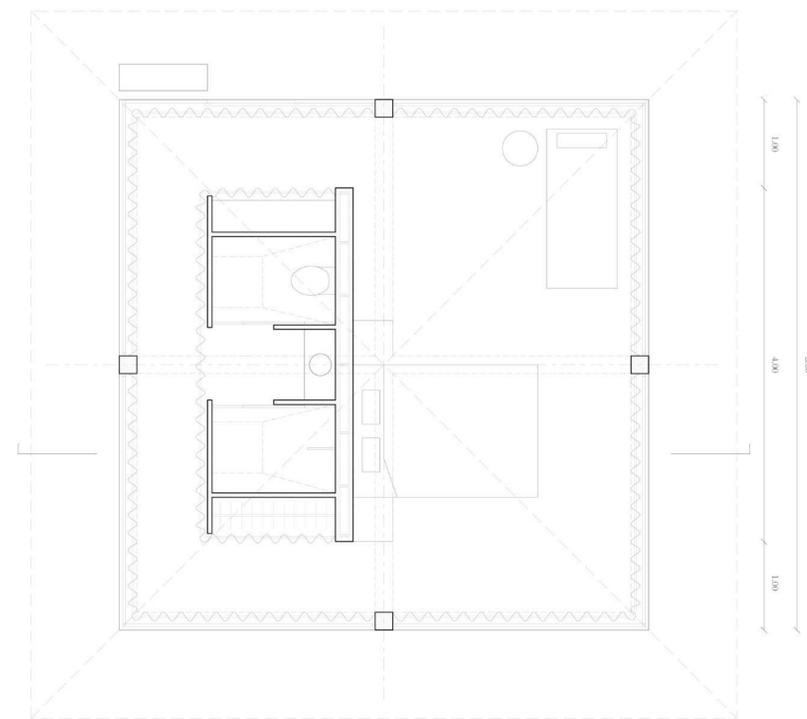
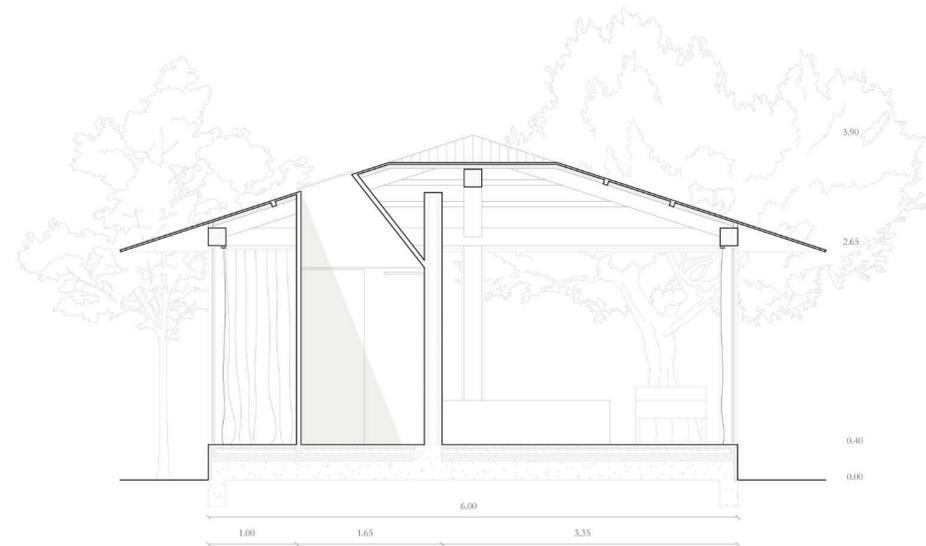
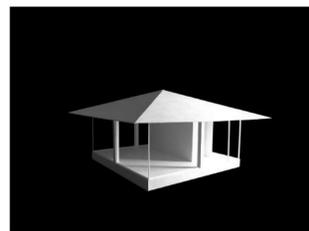
O abrigo é corporalizado numa cobertura que pode ser lida como complemento da sombra das copas e, da terra, surge um embasamento desenhador do espaço interior. À volta, o limite do quarto é definido pelo hóspede, controlando a sua abertura/clausura através de um sistema de cortinas, de modo a gerir a sua intimidade, podendo estar em plena união com o exterior ou fechar-se no seu refúgio individual, incitando à descoberta dos valores sensoriais de um abrigo no lugar, onde a estadia promova todas as suas valias e singularidades.

O respeito pelo sítio revela-se pelo sentido de elementos naturais na ideia de casas-abrigo: a possibilidade de um elemento que serve simultaneamente de espaço de descanso e introspeção amplia o valor intrínseco do lugar por não se sobrepor, sem que sejam necessários mais atributos para além da própria ideia de "abrigo". Desta forma, é possível uma proximidade de cada abrigo com as árvores e usufruto da sombra, que surge assim, à memória das quintas, fortemente marcada pelos jogos de luz e sombra que fixam o desenho, e pelos perfumes e cores de uma vegetação exuberante e exótica, valorizando o silêncio face à intensidade da ilha.

O quarto nasce com o elevar de uma plataforma de forma quadrada no jardim e constitui-se numa cobertura e um núcleo de banho, assumindo-se o vidro como invólucro de todo o espaço. Todo o perímetro do quarto apresenta uma cortina que o encerra. A cobertura assenta em quatro pilares a meio vão de cada aresta.

Procurou-se que a experiência do banho se destacasse na estadia: se por um lado há o contacto assumido com o jardim pela transparência dos limites horizontais do quarto, por outro, o banho encerra-se no núcleo, abrindo-se verticalmente através de um lanterna, numa relação com as copas das árvores.

O espaço envolvente ao núcleo é aberto, permitindo a deambulação total no quarto. É neste espaço que se encontra a cama e uma pequena área de estar, com chaise-longue e mesa de chá.



Planta e corte do quarto 1:40



III
solidez





Construir

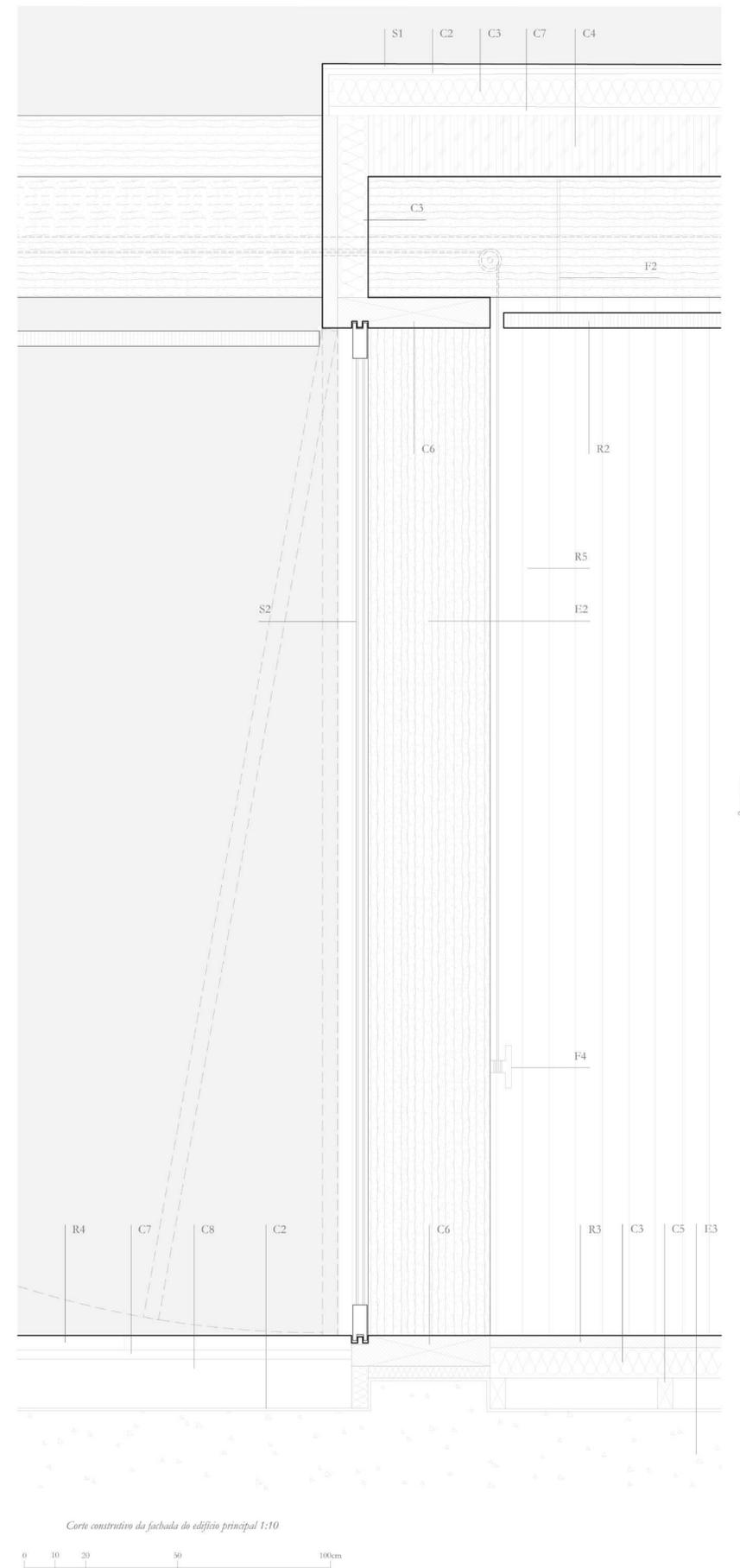
Os materiais definem com a sua matéria a atmosfera de um espaço. A percepção das características visuais do material é complementada com a assimilação do seu aspeto textural e térmico. Estas informações relativas à experiência háptica de um espaço colaboram na imaginação da atmosfera que se pretende criar, aliando-se ao seu entendimento físico, permitindo explorar a pertinência e modos de conjugação do aspeto das superfícies.

A colagem como processo do estudo material permite interpretar visualmente e participar através do imaginário a experiência do ambiente idealizado. Encontra-se na construção a materialização do aspeto visual sugerido pelo desenho, levando a uma reflexão sobre as sensações provocadas pelas características do ambiente. Através dos materiais empregues pretende-se potenciar as suas peculiaridades naturais, reforçando a harmonia do conjunto e assumindo uma restrição na paleta de materiais, sendo conferida especial atenção aos elementos construtivos e funcionais, como dizia Anahory: "três cores, três materiais" (20). A conjugação e concordância dos materiais criam uma composição única, adequada a cada contexto.

Procurou-se estabelecer no interior um ambiente confortável, utilizando materiais e cores que desenhem uma atmosfera familiar e acolhedora, optando-se por um revestimento a madeira de carvalho. O teto falso em vime, técnica típica madeirense, texturiza o plano horizontal superior, garantindo a sua continuidade e ocultando a iluminação artificial instalada sobre o mesmo. Os planos horizontais revestem-se com um ripado também de madeira de carvalho, criando um ambiente cómodo e visualmente uniforme. Os pilares em madeira são deixados à vista, visto que este material estrutural se conjuga naturalmente com os restantes elementos do espaço interior.

No pavimento exterior do terraço aplica-se um revestimento em pedra negra de basalto, remetendo às raízes vulcânicas da ilha. A aplicação dos quebra-sóis em vime transformam tanto o espaço interno como externo, pelo do controlo manual da incidência da luz natural, ajustando-se a inclinação pelo interior, através de um sistema de cabos e roldanas. O vime tem a particularidade de não ser um material completamente opaco, deixando-se atravessar por finos feixes de luz que se projetam no pavimento negro e refletem no vidro da fachada. O terraço fica desenhado pela luz. Quando o painel está aberto, sombreia o espaço e a transição do interior para o terraço estende-se e difunde-se, dando continuidade ao plano do teto falso para o exterior. Quando está fechado, encerra o interior e expõe o terraço completamente à luz solar. Por ter uma inclinação completamente ajustável, este elemento permite que o ambiente vá de encontro ao desejo do utilizador.

(20) BORGES, José Eduardo Anahory – percurso de um designer de arquitetura, Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2010.



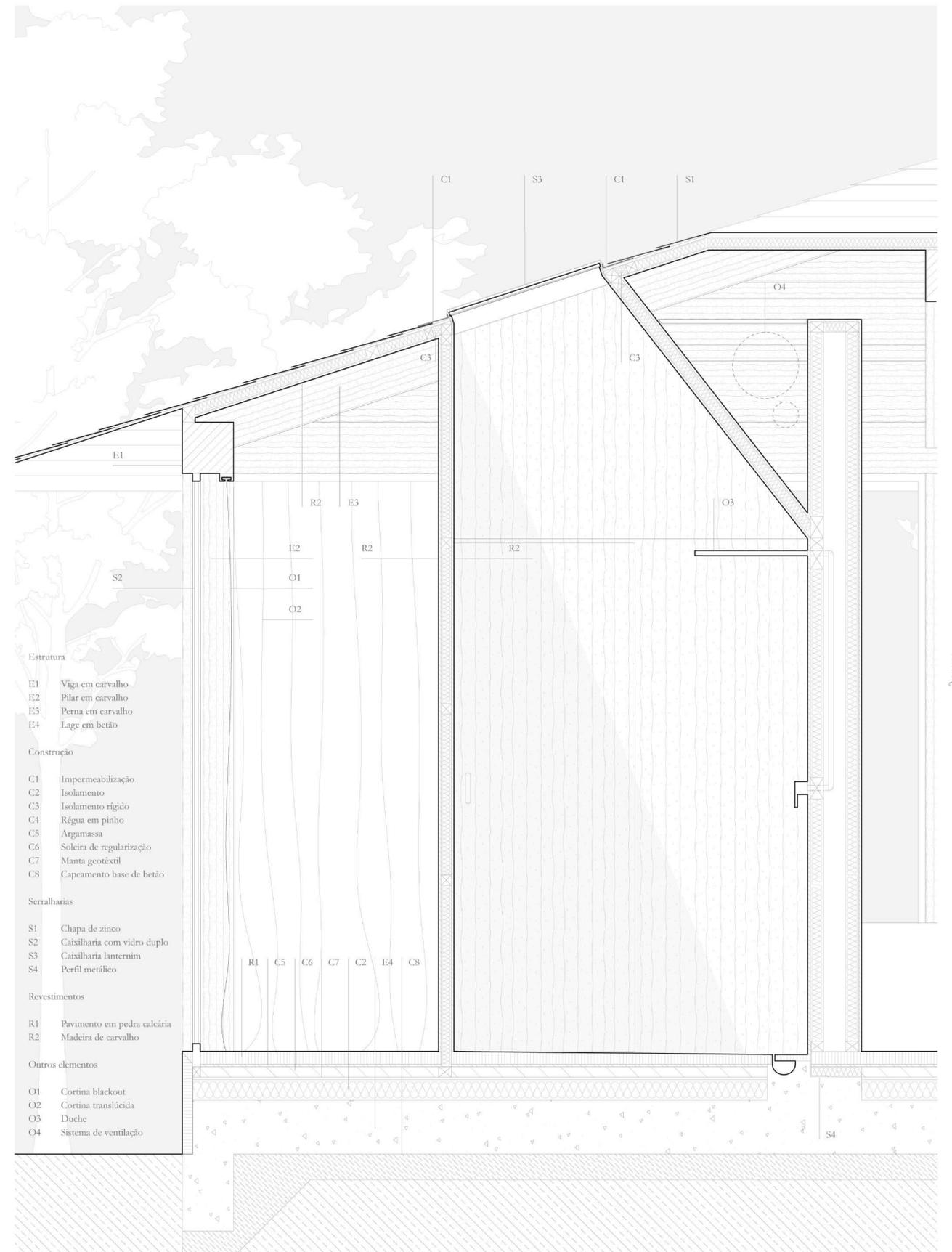


Imaginar

A estadia deve ser uma experiência simultaneamente única e familiar. Por um lado, pretende que se ofereça o conforto e a privacidade de uma casa, por outro procura-se que se experiencie o espaço de uma forma distinta e excepcional. A luz atua como principal material caracterizador do quarto: há experiências diferenciadas pela luminosidade, sendo os principais elementos a exposição ao exterior, ao jardim, e, por contraste, a ocultação do mesmo.

O quarto nasce de uma plataforma sobrelevada em relação ao jardim, de estrutura em betão e com pavimento revestido a pedra calcária. Os quatro pilares e a estrutura de suporte da cobertura são em madeira de carvalho deixada à vista, bem como o revestimento dos restantes elementos verticais, proporcionando um ambiente confortável e acolhedor, conferido por este material. Apresenta no contorno um sistema de cortinas duplo, permitindo diferentes experiências de exposição ao jardim, através de uma camada translúcida de linho e outra opaca de blackout em todo o perímetro do quarto. Outra linha de cortina envolve o núcleo central de modo a separar o espaço de banho e os armários de apoio e guarda-roupa do espaço de descanso.

Para conformar o núcleo de banho e instalações sanitárias, utilizou-se madeira de carvalho, promovendo a privacidade deste espaço. O duche destaca-se pela subtilidade da luminosidade vertical descendente do lanternim, conjugando-se com as tonalidades quentes do material, num espaço fechado e opaco, contrastando com o valor expositivo do espaço de descanso ao jardim, acentuando-se o contacto visual zenital com as copas das árvores.



Estrutura

- E1 Viga em carvalho
- E2 Pilar em carvalho
- E3 Perna em carvalho
- E4 Laje em betão

Construção

- C1 Impermeabilização
- C2 Isolamento
- C3 Isolamento rígido
- C4 Régua em pinho
- C5 Argamassa
- C6 Soleira de regularização
- C7 Manta geotêxtil
- C8 Capamento base de betão

Serralharias

- S1 Chapa de zinco
- S2 Caixilharia com vidro duplo
- S3 Caixilharia lanternim
- S4 Perfil metálico

Revestimentos

- R1 Pavimento em pedra calcária
- R2 Madeira de carvalho

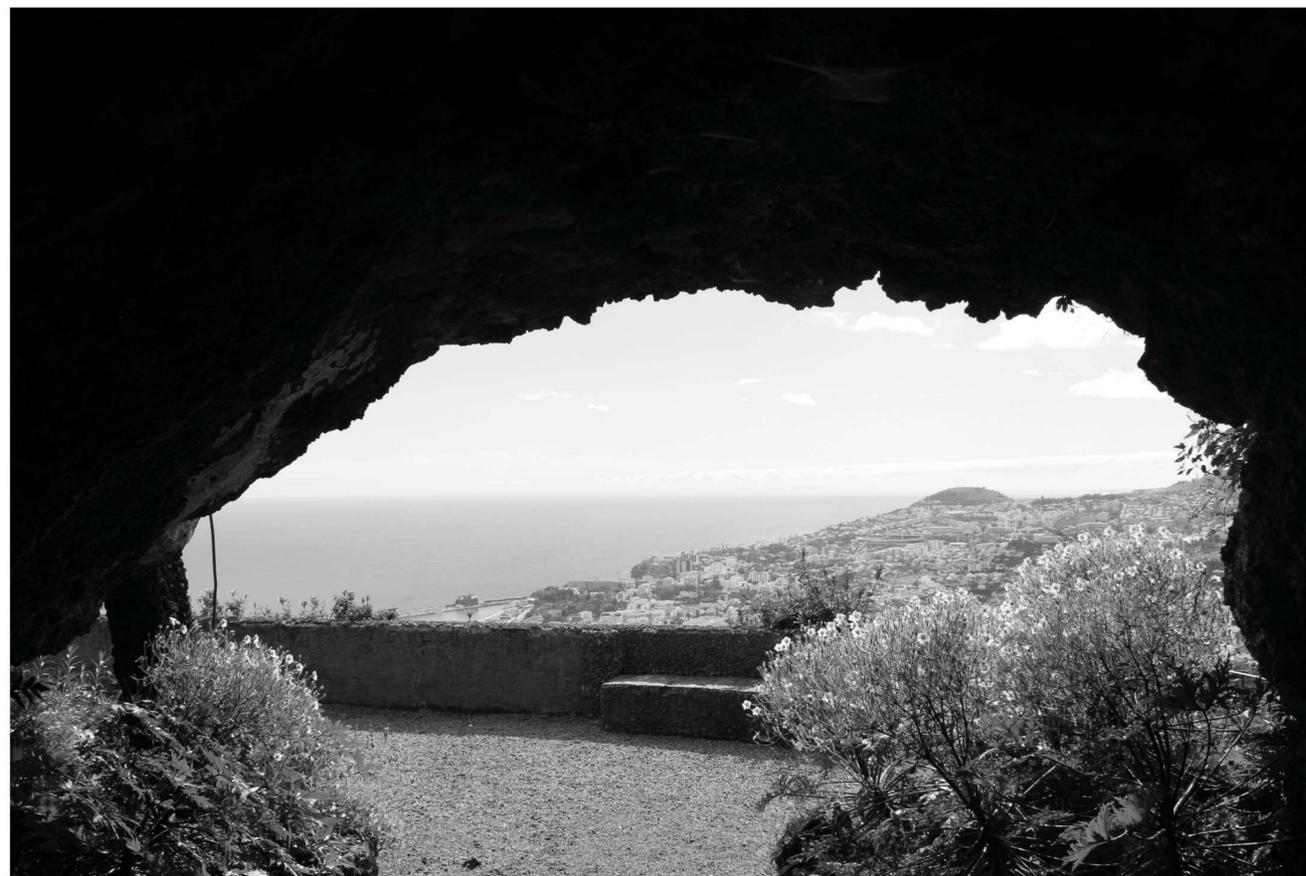
Outros elementos

- O1 Cortina blackout
- O2 Cortina translúcida
- O3 Duche
- O4 Sistema de ventilação

Corte construtivo do quarto 1:10



IV
habitar







habitar



habitar





V
sistema



O refúgio individual nasce entre as árvores segundo uma lógica de vistas e preservação da intimidade, corporalizado numa cobertura lida em complemento às copas das árvores, regulando-se a relação horizontal com o jardim em torno do espaço.

A cobertura e o invólucro do abrigo permitem uma relação visual com o jardim que contorna o quarto, provocando simultaneamente um efeito de segregação interior-exterior e uma sensação de pertença e exaltação da natureza dentro do espaço, num equilíbrio entre privacidade e visibilidade.

O sombreamento da fachada desenha o espaço do terraço através do controle da incidência solar, num jogo de luz e materialidade, transformando este espaço num complemento ao jardim, onde se pode disfrutar da vista sobre a baía do Funchal e sobre o oceano Atlântico.

O movimento de chegada e circulação do hóspede até ao jardim é acompanhado de sucessivos espaços de partilha que se concentram num edifício virado ao jardim, beneficiando desta interação através do terraço.

A transformação desta área do Jardim Botânico num hotel-jardim reflete a memória das quintas pelos efeitos sentidos no seu habitar e pela lógica da contemplação da paisagem, oferecendo uma estadia que vislumbra o Funchal e o vale da Ribeira João Gomes, em plena comunhão com a natureza.

Axonometria

0 5 10 25 50m

Bibliografia

- AMBASZ, Emilio; The architecture of Luis Barragán, Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 1976.
- BEITA, Esteban; Ambiguous boundaries: a Japanese way of designing with nature, Tóquio: Institute of Industrial Science, Tokyo University, 2010.
- BESSA-LUÍS, Agustina; A Corte do Norte, Lisboa: Guimarães Editores, 1987.
- BORGES, José; Eduardo Anahory – percurso de um designer de arquitetura, Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2010.
- DAN, Li; The Concept of “Oku” in Japanese and Chinese traditional paintings, gardens and architecture: a comparative study, Fukuoka: Kyushu University, 2020.
- LOBO, Susana; Arquitetura e Turismo: Planos e Projectos – As Cenografias do Lazer na Costa Portuguesa, da 1ª República à Democracia, Coimbra: Universidade de Coimbra, 2012.
- MATOS, Rui; A Arquitetura do Turismo Terapêutico, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2016.
- MESTRE, Victor; Levantamento da Arquitetura Popular do Arquipélago da Madeira, Évora: Universidade de Évora, 1997.
- PALLASMAA, Juhani; La imagen corpórea, imaginación e imaginario en la arquitectura. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2014.
- PALLASMAA, Juhani; The Thinking Hand – Existential and Embodied Wisdom in Architecture, Reino Unido: Wiley, 2009.
- PERDIGÃO, Cristina; O Turismo na Madeira – Dinâmicas e Ordenamento do Turismo em Territórios Insulares, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2017.
- TOSTOES, Ana; Arquitetura Moderna Portuguesa 1920-1970, Lisboa: IPPAR, 2004.
- TOSTOES, Ana; Os Verdes Anos na Arquitetura Portuguesa dos Anos 50, Porto: F.A.U.P., 1997.
- UNGERS, O. M., KOOLHAAS, R., RIEMANN, P., KOLLHOFF, H., OVASKA, A., HERTWECK, E., MAROT, S.; The City in the City: Berlin: a Green Archipelago, Zürich: Lars Müller Publishers, 2013.
- VIEIRA, Rui; Flora da Madeira - Plantas Vasculares Naturalizadas no Arquipélago da Madeira, Funchal: Câmara Municipal do Funchal, 2002.
- ZUMTHOR, Peter; Atmosferas, Barcelona: Gustavo Gili, 2019.

